

propriedade desses nomes abstratos, descartam alguns, consagram outros e até inventam alguns. Ao final do curso, se você é estudante, ou ao dobrar a última página, se for leitor, sucede não conhecer o passado nacional pré-colombiano, pois resta na mente apenas um enxame de palavras indígenas de foneticismo exótico, cuja retenção é tão trabalhosa quanto inútil. Por outro lado, ignora-se quais e como realmente eram essas civilizações, desconhecem-se seus conceitos religiosos, suas obras de arte, instituições religiosas, civis e militares, suas indústrias etc.

Alguém poderá dizer que alguns textos de história se referem à religião, à arte e aos costumes dos habitantes pré-hispânicos. Mas, julgando a questão com justiça e sinceridade, acreditamos que seria preferível que esses textos não abordassem tais problemas, pois sua leitura engana ainda mais do que aqueles que nada dizem sobre o assunto.

Com efeito, a integração de características culturais que se pretende realizar peca sempre por ser desarmoniosa, anacrônica e heterogênea, pois mistura-se o que pertence a civilizações de diferentes culturas, ou então confundem-se manifestações culturais que desapareceram há dezenas de séculos com aquelas que Cortés encontrou florescentes quando de sua chegada.

Isso se comprova com o que já dissemos sobre as civilizações do Vale do México: a história as enumera abundantemente, dando-lhes mais de 20 denominações; mas, em última análise, não as identifica nem as distingue. Por outro lado, a arqueologia sistemática (neste caso, a estratigrafia geológico-cultural) demonstrou objetivamente (por meio da arquitetura, da cerâmica, da escultura etc.) que no Vale do México houve três grandes civilizações, dentro das quais devem necessariamente refundir-se todas aquelas que a história criou de maneira empírica.

Se são sensíveis as deficiências no trabalho de história que realizamos no México desde a Conquista até hoje, é ainda mais deplorável nosso descaso com a história pré-hispânica, que não formamos, apesar da riqueza de material disponível. Isso, repetimos, é deplorável, uma vez que a história pré-hispânica deveria constituir a base da história colonial e da contemporânea.

7

Jane Addams e o longo caminho da memória da mulher



Jane Addams (1860-1935) recebeu o prêmio Nobel da Paz de 1931,¹ “por seu esforço constante para reviver o ideal de paz e reacender o espírito de paz em sua própria nação e em toda a humanidade”². Ela havia criado em 1919 a Women’s International League for Peace and Freedom (Liga Internacional das Mulheres pela Paz e Liberdade). Quando morreu, em 1935, era uma das mulheres mais famosas nos Estados Unidos. De certa forma, o prêmio representou uma redenção de sua imagem pública nos Estados Unidos, que havia sido muito criticada durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

¹ As principais fontes que utilizei para a vida de Jane Addams foram: Mary Jo Deegan, *Jane Addams and the Men of the Chicago School, 1892-1918* (Chicago: University of Chicago Press, 1988) e o capítulo a ela dedicado no livro de Patricia Madoo Lengermann e Gillian Niebrugge, *The Women Founders: Sociology and Social Theory, 1830-1930* (Long Grove, IL: Waveland Press, 2007, pp. 65-104).

² Ver The Nobel Prize. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1931/addams/facts/>>. Todas as traduções nesta apresentação são minhas.

Ardente defensora do pacifismo, Jane Addams posicionou-se contra a entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1917, motivo pelo qual foi oficialmente considerada uma ameaça ao país e relegada por vários anos ao ostracismo.

Além de pacifista, Jane Addams havia se destacado por sua atuação como reformadora social. Entre 1883 e 1888 ela fez duas longas viagens para a Europa. De volta aos Estados Unidos em 1889, fundou em Chicago a Hull-House, o primeiro *social settlement* (“estabelecimento social”) do país, inspirado no Toynbee Hall, fundado em Londres em 1884.

O *settlement movement*, que se disseminou nos anos seguintes, buscava a reforma social. A ideia era que pessoas dos estratos superiores da população residissem nesses estabelecimentos (os “residentes”), localizados em áreas pobres da cidade, e que lá pudessem compartilhar seus conhecimentos com a comunidade local, prestando gratuitamente serviços assistenciais, culturais, recreacionais e educativos, assim contribuindo para a melhoria de suas condições de vida — uma espécie de “filantropia científica”. No caso de Hull-House, sua clientela era predominantemente de imigrantes: entre 1890 e 1910, cerca de 12 milhões de imigrantes chegaram aos Estados Unidos, e Chicago, em particular, era uma cidade intensamente multicultural.

Foi essa imagem de Jane Addams como reformadora social que acabou predominando na história. O que ficou “esquecido” por várias décadas foi seu papel pioneiro como socióloga.

O primeiro departamento de sociologia nos Estados Unidos foi criado na Universidade de Chicago, em 1892. Como escrevi no capítulo 4, sobre Du Bois, em 1925 ocorreram o lançamento do livro *The City*, organizado por Robert E. Park e Ernest Burgess, e o encontro anual da American Sociological Society, presidida por Park, que tinha por tema justamente “A Cidade”; juntos, esses eventos configuraram o surgimento do que ficaria conhecido como “Escola” de Sociologia de Chicago. A narrativa tradicional da história da disciplina, contudo, esquece iniciativas anteriores, como o livro pioneiro de sociologia urbana *The Philadelphia Negro*, publicado em 1899 por W. E. B. Du Bois (de quem, aliás, Jane Addams foi amiga) e depois sua atuação como professor e orientador de uma geração de sociólogos negros na Universidade de Atlanta.

Outro “esquecimento” historiográfico da tradição sociológica refere-se a Jane Addams e outras pessoas a ela ligadas. O mais surpreendente é que

a produção sociológica desse grupo ocorreu também em Chicago e teve uma intensa interação com personagens (praticamente todos homens) que depois se consagrariam como a primeira geração da Escola de Sociologia de Chicago. Felizmente, contudo, nas últimas décadas surgiram importantes trabalhos que tratam da contribuição de Jane Addams e suas colaboradoras para as ciências sociais, naquilo que constituiu como verdadeira “Escola de Sociologia de Chicago das Mulheres”, e que floresceu entre 1890 e 1920.³

A certidão de nascimento dessa outra “Escola” foi a publicação, em 1895, de *Hull-House Maps and Papers: A Presentation of Nationalities and Wages in a Congested District of Chicago, Together with Comments and Essays on Problems Growing Out of the Social Conditions* (Mapas e documentos da Hull-House: uma apresentação de nacionalidades e salários em um distrito congestionado de Chicago, acrescido de comentários e ensaios sobre problemas decorrentes das condições sociais).⁴ Assinada por um coletivo — “Residentes de Hull-House” —, o livro tinha 10 capítulos, dos quais oito eram escritos por mulheres.



³ Um marco nessa “redescoberta” da obra de Jane Addams e suas colaboradoras para a tradição sociológica é o livro de Mary Jo Deegan, de 1988 (op. cit.).

⁴ Ver Jane Addams. *Hull-House Maps and Papers...* Nova York: Thomas V. Crowell & Co, 1895.

A perspectiva sociológica do grupo, todavia, era diferente daquela que se tornaria hegemônica na disciplina. Jane Addams discordava de uma orientação predominantemente acadêmica da sociologia, defendendo sua utilização de forma “aplicada”, na luta por reformas sociais. No prefácio de *Hull-House Maps and Papers*, por exemplo, ela escreveu que as energias das autoras e autores do livro haviam se “direcionado principalmente para o trabalho construtivo”, e não para a “investigação sociológica”.⁵ Jane Addams, contudo, foi membro da American Sociological Association desde sua fundação, em 1895, e contribuiu com vários artigos para a revista da associação, o *American Journal of Sociology*. Ao todo, ela escreveu onze livros. Depois de sua morte, entretanto, o que era antes visto como sociologia dividiu-se em dois mundos, segundo uma linha basicamente de gênero: o da “sociologia científica” ficou predominantemente para os homens, e o do “serviço social”, predominantemente para as mulheres.

Em *The Long Road of Women's Memory* (O longo caminho da memória das mulheres), de 1916, Jane Addams analisa o funcionamento da mente das mulheres, especialmente das idosas, a partir de sua experiência em Hull-House. Ela vê as mulheres usando a memória de duas formas distintas, porém complementares: para interpretar e apaziguar a vida individual (como no capítulo sobre o “Bebê Diabo” aqui incluído) e como uma agência seletiva na reorganização social. Não são usos da memória mutuamente exclusivos e, por vezes, podem dar suporte um ao outro. Acima de tudo, ela vê a memória dessas mulheres como uma forma de “realinhar a si mesma com as forças impessoais mais amplas que moldaram suas vidas, e nesse realinhamento elas podem preparar o caminho para a mudança social”.⁶

Memórias de mulheres: transmitindo o passado, como ilustrado pela história do Bebê Diabo⁷ (1916)

Jane Addams

Assim como seria difícil para qualquer um de nós especificar o verão em que deixou de viver aquela vida, tão ardente na infância e na primeira juventude, quando todos os acontecimentos reais moravam no futuro, deve ser difícil para os idosos dizer em que período eles começaram a considerar o presente sobretudo como uma continuidade do passado. No entanto, não há dúvida de que tais mudanças e reversões instintivas ocorrem a muitos idosos que, sob o controle da memória, vivem muito mais no passado do que no efêmero presente.

Sendo assim, é uma sorte que esses idosos sejam capazes de transformar, de maneira sutil, suas próprias experiências desagradáveis ao rever os caminhos que percorreram, de forma que até a vida mais miserável pareça aceitável. Isso pode ocorrer graças a um instinto de autopreservação, que freia a amargura devastadora que os acometeria caso se lembrassem repetidamente dos detalhes sórdidos de eventos há muito tempo passados. É até possível que as pessoas que não foram capazes de inibir tal amargura tenham morrido mais cedo, pois, como um senhor lembrou-me recentemente, “a preocupação pode matar o gato”.

Essa função permanente e elementar da memória foi claramente demonstrada em Hull-House durante um período de várias semanas, quando foi

⁵ Ibid., pp. vii-viii.

⁶ Jane Addams. *The Long Road of Woman's Memory*. Nova York: The Macmillan Company, 1916, pp. xi-xiii.

⁷ Jane Addams. *The Long Road of Woman's Memory*. Nova York: The Macmillan Company, 1916, cap. 1. Tradução de Camilla Caetano La Pasta. Revisão técnica e notas de Celso Castro.

relatado que estávamos abrigando, em nosso estabelecimento, um chamado “Bebê Diabo”.

O conhecimento de sua existência explodiu sobre os residentes de Hull-House no dia em que três mulheres italianas, ao adentrarem animadamente pela porta, exigiram que ele lhes fosse mostrado. Nenhuma recusa foi capaz de convencê-las de que ele não estava ali, pois elas sabiam exatamente como era o Bebê Diabo, com seus cascos fendidos, suas orelhas pontudas e seu rabicho; além disso, ele já falava desde que nasceu e era chocantemente profano.

As três mulheres foram apenas as primeiras de uma verdadeira multidão. Durante seis semanas, fluxos de visitantes vieram de todas as partes da cidade e dos subúrbios para ver o mítico bebê. Chegavam durante o dia inteiro e até tão tarde da noite que as atividades regulares do estabelecimento quase colapsaram.

A versão italiana da lenda, com uma centena de variações, contava sobre uma devota menina italiana casada com um ateu. Seu marido, em um ataque de fúria, teria arrancado um quadro sagrado da parede do quarto dizendo que preferia ter um demônio em casa a tal objeto, e por isso o demônio encarnou em seu filho que estava prestes a nascer. Assim que o Bebê Diabo nasceu, ele teria corrido pela mesa sacudindo o dedo em profunda reprovação ao pai, que finalmente o pegou e, tremendo de medo, o trouxe até Hull-House. Quando os residentes do estabelecimento, querendo salvar a alma do bebê apesar de sua aparência chocante, o levaram à igreja para o batismo, descobriram que a manta estava vazia e que o Bebê Diabo, fugindo da água benta, corria na ponta dos pés por trás dos bancos da igreja.

A versão judaica da lenda do Bebê Diabo, também com suas variações, dizia que o pai de seis filhas havia dito antes do nascimento do sétimo filho que ele preferia ter um demônio na família do que outra menina, e com isso o Bebê Diabo prontamente apareceu.

Exceto por um carro vermelho que ocasionalmente aparece na história e um charuto que, em algumas versões, o filho recém-nascido teria arrancado dos lábios de seu pai, essa história poderia ter sido inventada em qualquer momento dos últimos mil anos.

Embora os visitantes do Bebê Diabo incluíssem pessoas de todos os graus de prosperidade e educação — mesmo médicos e enfermeiras treinadas que

nos garantiram acerca de seu interesse científico —, a história demonstrou repetidamente o poder de um conto muito antigo entre milhares de homens e mulheres na sociedade moderna que estão vivendo em seu próprio canto do mundo, com sua visão restrita, sua inteligência limitada por correntes de ferro feitas de hábitos silenciosos. Para essas pessoas primitivas, a metáfora aparentemente ainda é a própria “matéria-prima da vida”, ou melhor, nenhuma outra forma de questionamento os alcança; a imensa tonelada de escritos recentes não existe para elas. De acordo com seus hábitos simples, a suposta presença do Bebê Diabo não chegou aos jornais até a quinta semana do seu aparecimento em Hull-House, depois de milhares de pessoas já terem sido informadas de seu paradeiro pelo antigo método de disseminação de notícias boca a boca.

Durante seis semanas, enquanto andava pelo estabelecimento, eu ouvia uma voz ao telefone repetindo pela centésima vez no dia: “Não, esse bebê não existe”; “Não, nunca o tivemos aqui”; “Não, não é possível vê-lo por 50 centavos”; “Não o mandamos para lugar algum, porque nunca o tivemos aqui”; “Não estou dizendo que a sua cunhada mentiu, mas deve haver algum engano”; “Não adianta vir uma excursão partindo de Milwaukee, pois não há nenhum Bebê Diabo em Hull-House”; “Não podemos dar descontos porque não estamos exibindo nada” e assim por diante. Ao me aproximar da porta da frente, eu conseguia captar fragmentos de discussões às vezes amargas: “Por que vocês permitem que tantas pessoas acreditem, se ele não está aqui?”; “Pegamos três conduções para vir até aqui e temos tanto direito de vê-lo quanto qualquer outra pessoa”; “Esse é um lugar bem grande, claro que vocês conseguiriam escondê-lo com facilidade”; “Por que vocês estão dizendo isso? Vão aumentar o preço do ingresso?”.

Sem dúvida estávamos diante de um caso de “contágio pela emoção”, como dizem os psicólogos, acrescido daquela “sociabilidade estética” que impele qualquer um de nós a arrastar todos os membros da casa para a janela quando uma procissão passa pela rua ou um arco-íris aparece no céu. O Bebê Diabo, claro, valia mais que muitas procissões e arco-íris, e devo confessar que, à medida que esse show deprimente continuava dia após dia, eu me revoltava bastante contra essa manifestação tão enfadonha de um traço humano que admiro. Havia uma exceção, no entanto: sempre que escutava as

vozes agudas e ansiosas das mulheres mais velhas, eu ficava irresistivelmente interessada e deixava o que quer que estivesse fazendo para ouvi-las. Ao descer as escadas, antes mesmo de conseguir ouvir o que elas diziam, sopravam em meus ouvidos, em suas velhas vozes solenes e portentosas admoestações: “Queres rejeitar o passado/ Grande, de profundas advertências?”⁸

Essa história tão antiga e ao mesmo tempo tão contemporânea era um assunto muito sério e genuíno entre as velhas senhoras, e elas se aglomeraram em Hull-House vindas de todas as direções. Algumas eu conhecia há muitos anos, outras nunca havia visto, e algumas eu suponha já estarem mortas há muito tempo. Mas elas estavam todas vivas e inquietas. Algo na história ou em seu desenrolar misterioso havia despertado uma daquelas forças ativas na natureza humana que não recebe ordens, apenas insiste em dá-las. Entramos abruptamente em contato com uma qualidade humana viva e autoafirmativa!

Durante essas semanas de agitação, foram as mulheres idosas que pareciam realmente ter se destacado, e talvez o resultado mais significativo do incidente tenha sido a reação da história sobre elas. A história agitou suas mentes e suas memórias como se fosse mágica, afrouxou suas línguas e revelou a vida secreta e os pensamentos daquelas senhoras, até então inarticuladas. Elas estão acostumadas a sentarem-se em casa e a ouvirem os membros mais jovens da família falarem de assuntos totalmente alheios às suas próprias experiências, às vezes numa linguagem que elas não entendem e, na melhor das hipóteses, usando frases rápidas que elas não conseguem acompanhar. “Mais da metade das vezes não sei do que eles estão falando” é uma reclamação recorrente. É evidente que a história do Bebê Diabo colocou em suas mãos o tipo de material com o qual estavam acostumadas a lidar. Havia muito tempo elas usavam tais contos em seus esforços incessantes de disciplinar a família, como quando assustavam seus primeiros filhos até um silêncio reverente contando histórias sobre bichos-papões que rondavam na escuridão.

⁸ “Wilt thou reject the past/ Big with deep warnings?”: trecho do poema “Paracelsus”, de Robert Browning (1812-1889), publicado originalmente em 1835 (*Poems*. Boston: Ticknor and Fields, 1863, v. I, p. 150).

Essas senhoras viviam ali um momento de triunfo, como se finalmente tivessem sido recompensadas e entrado em uma área de sanções e castigos que entendiam bem. Seus muitos anos de vida lhes ensinaram que recriminar filhos e netos adultos é absolutamente inútil, que punições são impossíveis e que ensinamentos domésticos são mais bem transmitidos por lendas e metáforas.

Enquanto as velhas senhoras falavam com a nova fluência que a história do Bebê Diabo havia nelas liberado, recorrendo às suas antigas memórias e me persuadindo de sua credibilidade, a história parecia condensar cada vez mais aquela sabedoria mística que fica guardada no coração das pessoas pelas diversas experiências desapercibidas.

Talvez minhas inúmeras conversas com essas visitantes mais velhas tenham cristalizado pensamentos e impressões que venho tendo ao longo dos anos, ou a própria história pode ter acendido uma chama, por assim dizer, cuja luz iluminou algumas das minhas memórias mais sombrias da velhice negligenciada e desconfortável, de velhas camponesas que mergulharam de forma implacável nas profundezas da natureza humana em si mesmas e nos outros. Muitas das idosas que vieram ver o Bebê Diabo enfrentaram experiências trágicas; os poderes da brutalidade e do horror se fizeram presentes com toda força em suas vidas, e por anos elas conviveram de perto com desastres e com a morte. Essas velhas senhoras não se esquivavam da miséria da vida por um idealismo frágil, pois já haviam passado há muito tempo da fase do faz de conta. Elas reconheciam sem hesitar as experiências mais hediondas: “Meu rosto tem essa torção estranha há quase 60 anos; eu tinha 10 anos quando ele ficou desse jeito, foi na noite em que vi meu pai matar minha mãe a facadas.” “Sim, eu tive 14 filhos; apenas dois se tornaram homens adultos e ambos foram mortos na mesma explosão. Nunca tive certeza de se trouxeram para casa os corpos certos.” No entanto, mesmo as tristezas mais horríveis que as idosas relatavam pareciam ter diminuído para a emoção pálida do arrependimento ineficaz, após a memória ter trabalhado durante muito tempo sobre elas. Essas idosas pareciam, inexplicavelmente, não ter nenhuma amargura ou qualquer ressentimento diante da vida; ou melhor, pareciam estar tão completamente desprovidas de vida como se a tivessem perdido há muito tempo.

Nenhuma delas culpava os filhos desobedientes ou os netos desatentos, porque aparentemente tudo o que é mesquinho e temporário escorregara para longe de sua velhice austera. Os incêndios foram apagados; ressentimentos, ódios e mesmo tristezas acalentadas tornaram-se realmente sem sentido.

Talvez essas mulheres, por não esperarem nada mais da vida e por terem, portanto, parado de lutar, tenham alcançado, senão a completa renúncia, pelo menos aquela pacata resistência que permite curar as feridas do espírito. Por meio do hábito da condescendência, elas ofereciam um vislumbre fugaz de translúcida sabedoria, tantas vezes atribuída aos idosos, mas tão difícil de retratar. É sem dúvida alguma o que Michelangelo tinha em mente quando pintou as velhas sibilas;⁹ aquilo a que se referia Dante ao dizer “aqueles que aprenderam com a vida”; e o velho menestrel que transformou em canção uma memória que era mais a da história e da tradição do que a sua própria.

Em contraste com os demais visitantes do Bebê Diabo, que falavam apenas as tateantes palavras de sabedoria de que eram capazes, havia as mulheres idosas que, embora já tivessem se reconciliado com tanta miséria, estavam ali suportando ainda mais: “Poderiam dizer que é uma vergonha ter seu filho batendo em você por causa de um pouco de dinheiro que você ganhou fazendo faxina — o seu marido bater em você é diferente —, mas não tenho coragem de culpar o menino por fazer o que ele viu durante a vida toda. O pai dele enlouquecia sempre que bebia e me bateu até o dia de sua morte. A feiura nasceu no menino como as marcas do Diabo nasceram na pobre criança que está aí no andar de cima.”

Algumas dessas velhas senhoras lutaram por longos e cansativos anos com a pobreza e com a criação de muitos filhos, sabiam o que era serem humilhadas e espancadas por seus maridos, negligenciadas e ignoradas por seus filhos prósperos e sobrecarregadas por terem de cuidar dos imbecis e dos incompetentes. Elas realmente tinham “escrito profundamente todos os seus dias com cuidado”.¹⁰

⁹ Sibilas: profetisas gregas, tradicionalmente representadas como mulheres velhas. Foram pintadas por Michelangelo no teto da Capela Sistina.

¹⁰ No original: “Deep-written all their days with care”. Trata-se de uma passagem de *Medeia*, de Eurípedes. Jane Addams usa a tradução de Gilbert Murray. O coro diz, numa passagem: “*But they within whose garden fair/ That gentle plant hath blown, they go/ Deep-written*

Uma das velhas senhoras veio de um asilo, tendo ouvido falar do Bebê Diabo “por intermédio de uma moça da Polk Street que visitava um velho amigo que tem uma cama em nossa ala”. Não foi fácil para uma senhora internada, aleijada e sem um tostão dar essa escapada. Ela pedira a “um jovem atendente em um bar do outro lado da rua” para lhe emprestar 10 centavos, oferecendo como garantia o fato de ser uma velha conhecida em Hull-House, a quem não se poderia recusar empréstimo tão insignificante. Ela falou maravilhas da bondade do jovem, pois não conseguia um centavo para tomar uma bebida havia seis meses, e ele e o condutor do bonde ainda tiveram de carregá-la. Ela estava naturalmente muito satisfeita com o feito de sua escapada. Sabemos que os homens estão sempre saindo por aí no verão e pegando a estrada, vivendo como vagabundos, de forma que mulher alguma se rebaixaria a fazer igual; mas sair de bonde sendo uma senhora, com dinheiro para pagar a própria passagem, isso era outra coisa — embora ela estivesse de fato exaurida pelo esforço. Dito isso, estava claro que ela se julgaria bem recompensada se desse uma olhada no Bebê Diabo, e por não apenas os internos de sua própria ala, mas também aqueles em todas as outras alas do asilo terem de “sentar-se para ouvi-la” quando ela voltasse; a história os animaria um pouco, e ela ventilou a hipótese de que teria que contar a eles sobre o bebê pelo menos uma dúzia de vezes por dia.

Enquanto ela divagava alegremente, nós fraquejamos e adiamos a notícia de que não havia nenhum Bebê Diabo, primeiro para que ela pudesse tomar uma xícara de chá e descansar, e depois por puro desejo de evitar mais um golpe naquele pobre e velho corpo que já havia recebido tantos outros golpes durante uma vida longa e difícil.

Pelo que me lembro daquelas semanas surreais, foi na presença dessa senhora que desejei pela primeira vez poder manipular o conforto alheio

all their days with care —/ To rear the children, to make fast/ Their hold, to win them wealth; and then/ Much darkness, if the seed at last/ Bear fruit in good or evil men! (Oxford: Oxford University Press, 1912, p. 63). A tradução feita por Mário da Gama Kury do mesmo trecho no original grego é: “Mas sofrem de cuidados infundáveis/ aqueles cujos lares as crianças/ adornam numa doce floração;/ querem criar os filhos bem, deixar-lhes/ meios de subsistência, mas não sabem/ se apesar dos cuidados hão de ser bons ou perversos” (*O melhor do teatro grego: Prometeu acorrentado, Medéia, As nuvens*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013).

usando o simples artifício de não afirmar categoricamente que o Bebê Diabo nunca esteve em Hull-House.

Nossa visitante lembrou com grande orgulho que sua avó era vidente; que sua mãe tinha ouvido a Banshee três vezes e que ela mesma a tinha ouvido uma vez.¹¹ Tudo isso lhe dava certa autoridade em relação ao Bebê Diabo, e suspeitei que ela nutria a esperança secreta de que, quando botasse os olhos nele, seus dons herdados pudessem revelar o significado daquela estranha maldição. No mínimo, o Bebê serviria como prova de que sua longa fé familiar nesses assuntos era justificada. Suas mãos deformadas repousando sobre o colo tremiam de ansiedade.

Talvez por ainda estar sofrendo com a lembrança da enorme decepção que causamos de forma não intencional à nossa visitante do asilo, no dia seguinte me peguei quase concordando com sua sincera aceitação do passado como algo muito mais importante do que o mero presente; pelo menos durante meia hora o passado parecia dotado, também para mim, de uma vida mais profunda e mais ardente.

Essa declaração se conecta com a de outra mulher idosa, acamada havia muitos anos e firme em suas convicções, que se recusou obstinadamente a acreditar que não havia um Bebê Diabo em Hull-House, a menos que “ela mesma”, isto é, eu, lhe dissesse isso. Graças à sua irritação crescente com os demais visitantes, que iam até ela para relatar que “eles dizem que [o Bebê Diabo] não está lá”, julguei prudente visitá-la logo, antes que ela morresse de raiva. Enquanto eu caminhava pela rua e subia a escadinha externa da entrada dos fundos e o corredor escuro para o segundo andar, onde ela estava deitada em uma cama desarrumada, fui tomada por uma verdadeira tentação de dar-lhe uma descrição completa do Bebê Diabo. A essa altura eu o conhecia com muita precisão (pois com uma centena de variações para escolher eu poderia criar um bebê monstruoso quase digno de seu nome), e ainda deixaria de enfatizar o fato de que ele nunca havia estado realmente em Hull-House.

Percebi que minha mente reunia apressadamente argumentos para não perturbar sua crença na história que claramente lhe trouxera um interesse

¹¹ Banshee: entidade da mitologia celta, considerada mensageira da morte de um membro da família, geralmente lançando mão de gritos ou lamentos noturnos.

vívido que há muito tempo lhe era negado. Ela morava sozinha com seu jovem neto, que ia trabalhar todas as manhãs às sete horas. Exceto pelas curtas visitas feitas pela enfermeira e por vizinhos gentis, seus longos dias eram monótonos e tranquilos. Mas a história de um Bebê Diabo, com sua existência oficialmente comprovada, por assim dizer, a transformaria em um ímã que atrairia os vizinhos de todas as regiões e a alçaria mais uma vez até o nível de importância social que ela tivera 24 anos antes, quando a conheci. Naquela época, ela era proprietária da mais próspera loja de artigos usados em uma rua cheia de lojas desse tipo; seu marido indolente e beerrão e seus filhos alegres e bem-humorados faziam exatamente o que ela lhes ordenava. No entanto, isso era parte do passado, pois “por causa da bebida”, em suas próprias palavras, “o velho, os meninos e a empresa haviam desaparecido” e não havia “mais ninguém, exceto o pequeno Tom, eu e mais nada para vivermos”.

Lembro-me de como ela me contava bem histórias quando uma vez tentei coletar folclore para o sr. Yeats, a fim de provar que uma camponesa irlandesa não perdia sua fé em pequenas criaturas míticas nem seu conhecimento do gaélico simplesmente porque vivia numa cidade grande. Naquela época, ela me contou uma história maravilhosa sobre um manto vermelho vestido por uma mulher idosa em uma cova recém-cavada. A história do Bebê Diabo lhe daria um material digno de seus poderes, mas é claro que para isso ela precisava ser capaz de acreditar nele com todo o coração. No melhor dos casos, esta senhora viveria apenas mais alguns meses, argumentei comigo mesma. Por que não lhe proporcionar esse interesse vívido e, por meio dele, despertar antigas lembranças de um folclore acumulado ao longo dos anos, com seu poder mágico de transfigurar e eclipsar o ambiente sórdido e insatisfatório em que a vida realmente acontece? Eu me convenci solenemente de que a imaginação da velhice precisa ser alimentada, e que na verdade reivindica isso de forma tão imperiosa quanto a imaginação da infância, que nos diz: “Eu quero um conto de fadas, mas não gosto quando você já começa dizendo que não é verdade.” Impaciente, me vi questionando os educadores que não nos deram nenhuma instrução pedagógica sobre como lidar com a velhice, embora nos dessem muita informação sobre o uso de contos de fadas com crianças.

O quartinho estava cheio de coleções de objetos e bugigangas usuais que compõem o tesouro de uma velha, acrescido, neste caso, por vários artigos que sua loja de objetos de segunda mão, por mais próspera que fosse, não conseguiu vender. No meio dessa confusão pitoresca, mais do que em qualquer outro lugar de Chicago, um grupo urbanizado de pequenas criaturinhas mágicas poderia morar; elas certamente lá encontrariam a atmosfera tradicional exigida, uma fé maravilhada e uma reverência imaculada.

Podemos dizer que uma velha senhora ansiosa e que tivera despertado ao máximo sua capacidade de acreditar e de se maravilhar foi o solo perfeitamente fértil para plantar a semente do pensamento do Bebê Diabo. Se o objetivo da minha missão fosse ler durante uma hora para uma mulher doente, isso teria sido contabilizado para mim como retidão filantrópica. Se a leitura escolhida tivesse tirado a mente daquela senhora de seus desconfortos corporais e pensamentos perturbadores de modo que ela os esquecesse por um momento fugaz, eu ficaria muito satisfeita com o sucesso de meu esforço. Mas ali estava eu, com uma história na ponta da língua, estupidamente hesitando em validá-la, embora as palavras já estivessem em meus lábios. Eu ainda debatia o caso comigo mesma quando parei na soleira de seu quarto e captei o brilho indomável de seus olhos, me desafiando a negar a existência do Bebê Diabo. Seu corpo flácido respondia tanto à excitação que, naquele momento, ela parecia alerta em seu desafio e indiscutivelmente ameaçadora.

Mas, como geralmente acontece com as almas fracas, a determinação escapou de minhas mãos. Minha própria hesitação foi suficiente, pois o portador de notícias sobre o mundo mágico nunca fica hesitante na soleira de uma porta. Lentamente, o brilho se extinguiu em seus velhos olhos observadores, os ombros eretos cederam e caíram para a frente, e vi muito claramente a pobre senhora aceitar mais uma decepção em uma vida que já transbordava delas. Ela foi brutalmente atirada de volta para todas as limitações de sua experiência pessoal e de seu contexto, e aquela vida maior que tinha antecipado com tanta animação foi dela afastada como se lhe batessem uma porta na cara.

Nunca mais reencontrei aquela tentação em particular, embora esta senhora não fosse mais digna de pena do que os outros visitantes idosos que

o Bebê Diabo trouxera para Hull-House. No entanto, talvez como resultado dessa experiência, fui gradualmente perdendo a impressão de que as mulheres idosas ansiavam por uma segunda chance na vida para revivê-la de forma mais plena e sábia, e me reconciliei com o fato de que, na realidade, muitas delas tinham poucas oportunidades de meditação ou de descanso corporal, mas precisavam continuar trabalhando com as mãos cansadas, apesar da fadiga ou da fraqueza do coração.

O vívido interesse de tantas mulheres idosas pela história do Bebê Diabo pode ter servido de testemunho inconsciente, embora poderoso, de que experiências trágicas gradualmente se revestem de tais armadilhas, de forma que a agonia possa ter algum uso num mundo onde se aprende da forma mais difícil. Prova também que as lutas e os sofrimentos de homens e mulheres há muito tempo mortos, bem como suas emoções que não estão mais conectadas com a carne e com o sangue, são transmutadas em sabedoria por meio de lendas. Os jovens são forçados a dar ouvidos aos alertas presentes nessas histórias, embora na maioria das vezes seja tão fácil para eles desconsiderar as palavras dos idosos.

Era evidente que as senhoras que vieram visitar o Bebê Diabo acreditavam que a história lhes asseguraria legitimidade em suas casas, e, à medida que se preparavam nos mínimos detalhes para isso, seus rostos envelhecidos brilhavam com uma satisfação tímida. Suas feições, desgastadas e marcadas por uma vida dura, como efigies construídas no chão de uma velha igreja que escurecem e são maltratadas por calçados ásperos, tornavam-se comoventes e solenes. No meio de sua dupla perplexidade, causada tanto pelo fato de que a geração mais jovem estava trilhando caminhos tão estranhos, quanto pelo fato de que ninguém mais iria ouvi-las, cintilava por um momento a última esperança de uma vida decepcionante, de que ela pudesse pelo menos servir como um aviso, ao mesmo tempo que fornecesse material para uma narrativa emocionante.

Algumas vezes, ao conversar com uma mulher que se descrevia como “apenas um fio de cabelo entre aqui e o lado de lá”, percebi que a velhice tem sua própria atitude para com a renúncia mística do mundo. A impaciência dessas mulheres com tudo o que não é essencial, o desejo de se livrarem dos laços prejudiciais e do excesso de suavidade me lembrou a última jornada

impetuosa de Tolstói, e agradei mais uma vez a esse gênio por deixar claros tais impulsos incompreensíveis da confusa vida humana.¹²

Veza por outra, no meio de uma conversa, uma dessas velhas e comoventes senhoras expressava calmamente seu anseio pela morte, como se fosse a satisfação natural de um desejo íntimo, com uma sinceridade e com uma expectativa tão genuínas que eu me sentia envergonhada em sua presença, por “agarrar-me a esta coisa estranha que brilha à luz do sol e estar doente de amor por ela”.¹³ Tais sentimentos eram, em sua essência, transitórios, mas há um resultado da visita hipotética do Bebê Diabo a Hull-House que, acredito, permanecerá: a compreensão do poder de seleção e de reconciliação que são inerentes à memória. As mulheres idosas, que muito têm para agravar e pouco para amenizar os desconfortos físicos habitualmente causados pela velhice, exibiam uma serenidade emocional tão vasta e tão reconfortante que sempre me vi refletindo sobre o quão rapidamente as emoções fugazes e mesquinhas que agora parecem tão importantes para nós podem ser assim transmutadas. Elas me fizeram refletir sobre até que ponto podemos esperar que as inconsistências e perplexidades da vida sejam trazidas para essa memória apaziguadora, com o seu poder último de aumentar o que há de beleza e significância e reduzir, quando não eliminar, quaisquer ressentimentos.

¹² Numa noite de outubro de 1910, o famoso escritor russo Liev Tolstói, então com 82 anos e muito doente, fugiu de sua casa, tomando rumo desconhecido, acompanhado por seu médico. Morreu 10 dias depois, longe de casa.

¹³ Passagem da peça *Hipólito*, de Eurípides, tal como traduzida por Gilbert Murray: “we cling to this strange thing that shines in the sunlight, and are sick with love for it” (*Euripides and his Age*. Londres: Williams & Norgate, 1913, p. 193).

8

Lucie Varga, etnógrafa da ascensão do nazismo

*“Muito perto de nós, um mundo acabou.
Um novo mundo surge, com fenômenos até então desconhecidos.”*



Assim começa o impressionante artigo de Lucie Varga, escrito em 1936 e publicado em 1937, sobre a gênese e ascensão do nacional-socialismo, nome oficial do nazismo alemão. Hoje temos a “bola de cristal” da história — ou seja, conhecemos o futuro, sabemos como o nazismo terminou, num regime totalitário e genocida. Na época em que Lucie escreveu o artigo, porém, o fato de pessoas das mais diferentes classes e condições sociais aderirem de corpo e alma a uma ideologia nacionalista de extrema direita causava espanto e era de difícil interpretação. Escrito por uma jovem de 32 anos, e apenas três anos após a ascensão de Hitler ao poder, o texto de Lucie é ao mesmo tempo uma densa etnografia do movimento nazista e uma exemplar obra de “história do tempo presente”.

Lucie Varga nasceu em 1904 na cidade de Baden, próxima a Viena, capital da Áustria, numa família de judeus de origem húngara já assimilados